

ESTUDOS QUANTITATIVOS E QUALITATIVOS: CONSTRUINDO ESPAÇOS, FAZENDO CIÊNCIA*

QUANTITATIVE AND QUALITATIVE STUDIES: CREATING SPACES, MAKING SIENCE

Clarice Maria Dall'Agnol¹

RESUMO

O texto alude sobre polêmicas e controvérsias que emergem dos campos de estudos quanti e qualitativos. Numa investida reflexiva, a autora pontua equívocos e visualiza algumas apropriações de tais abordagens, distanciando-se de conceber o privilégio de um único caminho. Antes, converge para a construção de espaços, frente às inúmeras possibilidades de se fazer ciência. Para tanto, leva em conta a coerência com a proposição de estudo em que se mobiliza o pesquisador.

UNITERMOS: *estudos quantitativos, estudos qualitativos, pesquisa, investigação científica, metodologia científica.*

1 INTRODUÇÃO

Numa tentativa de suscitar reflexões acerca de preferências, escolhas e críticas sobre abordagens quantitativas e qualitativas no atual mundo das ciências, busco pontuar alguns aspectos que, formal ou informalmente, circulam nos comentários da comunidade científica.

Com frequência, no meio acadêmico (também na enfermagem), trava-se uma batalha – expressa ou velada – entre adeptos de metodologias quantitativas e qualitativas.

Entretanto, são tais abordagens antagônicas ou são antagônicas, entre si, os adeptos de uma ou outra abordagem? Seja qual for o foco de atenção, aí vão mais algumas perguntas: Como? Quando? Por quê?

Saupe (1994), discorrendo sobre tema tão polêmico em seu artigo *Comedores de Números Versus Contadores de Estórias ou Pesquisa Quantitativa Versus Pesquisa Qualitativa*, entende que o debate situa-se mais nos planos epistemológico e paradigmático do que metodológico.

“ Faço menção de que se pode constatar reverenciadores de correntes de pensamento em favor do método e aqueles que, neste último, circunscrevem as possibilidades de pensar e fazer. Há também os que visualizam no objeto de estudo a opção do caminho a ser trilhado.

Incurtionando em alguns escritos de Demo (1987, p.74), deparo-me com uma colocação instigante: “Não se trata, pois, de considerar o homem como apenas marionete de condições objetivas, nem apenas um deus das condições subjetivas”.

Frente a este emaranhado todo, revisitar a percepção sobre o assunto é um convite que ora faço ao leitor.

2 NA “ONDA”...

Houve época marcante do só se investiga via quantitativa, como se tudo na vida pudesse ser quantificado e delimitado em fronteiras com precisão fulminante. A obra que não tivesse tabelas e onde os endossos e refutações não fossem francamente e de pronto visualizadas, era tida como não válida cientificamente. Passou-se em tudo a supervalorizar os resultados absolutos (ou relativos, em vista de algum dia absolutizarem-se). Sucumbia quem ousasse ir contra a maré, navegando por métodos onde a essência dos resultados são localizados no processo, isto é,

* Apresentado em PROBLEMÁTICA DE ENFERMAGEM (Disc.) Doutorado em Enfermagem - EEUSP (SP) - 96/1.

¹ Professora Assistente do DAOP - EENF- UFGRS - Mestre em Assistência de Enfermagem - UFSC - Doutoranda em Enfermagem - EEUSP 1996.

na magnitude do "estar indo", fonte primeira do brilho ou escuridão do "chegar". Pior ainda se ousasse fazê-lo sem percentuais, âncora dos primeiros navegadores.

Depois, mudou a maré e afogador passou a se ver na iminência de ser afogado. A grande onda, então, é dos sem-números, tabelas e gráficos, como se estes signos fossem algo contagioso e maléfico. Em se tratando do mundo-vida, penitencia-se o outro por impor o reverso da mesma moeda.

Mais lamentável ainda é quando o navegador afoga-se pela própria inabilidade de navegar, desconhecendo o barco em que entrou e os mares pelos quais transita. Já, outros navegadores não sabem o que buscam e onde querem chegar, mas, tanto estes como o primeiro apegam-se a uma certeza: recorreram ao método/instrumental da "onda".

3 (RE)PENSANDO ALGUNS ASPECTOS

Primeiramente, resgato em Minayo (1996, p.22), o entendimento de metodologia como sendo "o caminho e o instrumental próprios de abordagem da realidade" que, para a autora, "... inclui as concepções teóricas de abordagem, o conjunto de técnicas que possibilitam a apreensão da realidade e também o potencial criativo do pesquisador". Há uma tendência natural do pesquisador de mobilizar-se em questões de estudo que lhe permitam alçar vôo na visão de mundo e ancorar-se em determinadas concepções teóricas. Elegendo uma metodologia coerente com tal pressuposto, grande parte do sucesso de sua investida fica por conta do potencial criativo que dispõe. Quando a opção metodológica não é coerente, corre o risco de descompassos, de mensagens ambíguas e, por vezes, contraditórias.

Sem querer discorrer, aqui, sobre os campos de apropriação em cada linha, visto que seria uma tentativa inesgotável, destaco alguns aspectos, no intuito de refletir.

Quando, por exemplo, trata-se de investigar na enfermagem, quantos somos num grupo, numa instituição ou em quantas instituições estamos presentes (maciçamente ou não), o que faríamos se não fossem os números, tabelas gráficos? Igualmente, pelas artimanhas estatísticas, são eles que traduzem nossos salários, ilustrando comparações com os de outros profissionais ou como se situam em contextos gerais ou específicos, de onde se extraem análises fundamentais.

Pesquisas são necessárias. O registro de tais informações é relevante para se fazer história. Assim, temos noções de nossos antecessores, da contemporaneidade e de projeções para além do momento presente. Por sua vez, essas informa-

ções viabilizarão aos nossos sucessores lançarem um olhar para seu passado, presente e futuro. Não é intuito, no presente momento, citar as várias obras de relevância em tal sentido. A título de ilustração, menciono o Levantamento de Recursos e Necessidades de Enfermagem no Brasil - 1956/1958, publicado pela Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn), em 1980, cujo esforço de quem neste trabalho se mobilizou veio contemplar a profissão com importante resgate histórico.

Entretanto, se somos em número e em determinadas características, fundamentais e essenciais (ou deixamos de ser), não é, unicamente, por conta da quantidade que nos expressa. Até porque, para chegarmos à quantidade que nos expressa, um imbricado processo foi desencadeado. Os números, em determinadas situações, passam a indicar tais ou quais características sem, entretanto, poder resgatá-las autonomamente se é que se busca a compreensão de muitos dos fenômenos. Há de se considerar o não-lógico porquanto não é ilógico e o não-racional, distinto do irracional, como sendo características inalienáveis do ser humano.

Mais uma vez, pesquisas são necessárias e quem por estes caminhos ousar penetrar, precisa reconhecer a apropriação do método. Se o paradigma norteia o fazer, nem por isso a escolha do método fica condicionada como sendo unicamente este ou aquele viável. Isto, entretanto, não pressupõe autonomia do método por si só, pois com a intenção de estudo guarda íntima correlação.

No que tange à lógica, em sua formalidade, faz-nos rever alguns posicionamentos a observação de Demo (1987, p.75), frente à conhecida frase: "O amor é eterno enquanto dura". O autor aponta que tal afirmação é formalmente ilógica, porém, acrescenta: "... esta falta de lógica é a própria lógica do amor". E, igualmente:

"Dizer que ser sábio é sobretudo conhecer seus limites - que muito mais não sabe do que sabe - é formalmente ilógico, mas coloca precisamente a 'lógica' da sabedoria". (Demo, 1987, p.75.)

Para alguns intelectuais, talvez não soe de bom tom referir-se ao amor, sabedoria, felicidade, etc., em se tratando do científico, embora admitam que são atributos da vida. Então, para que ciência, se não pode emergir do que é próprio da vida? Não sabendo lidar com isso, ora despreza-se, ora ignora-se. Ou, a atenção volta-se para o rigorismo instrumental. O risco é que o rigor venha a incidir sobre o insignificante, como alerta Alves (1992, p.163): "Incapazes de avaliar o que importa, resolvemos ser rigorosos com o que não importa". Esta pode ser uma consequência funesta de quem tem poder, neste âmbito, pois que "o cientista virou um mito. E todo mito

é perigoso, porque ele induz o comportamento e inibe o pensamento" (Alves, 1992, p.11).

É lastimável que a racionalidade clássica, herança do paradigma cartesiano-newtoniano, tenha lançado seus respingos no concreto mundo-vivido. No Ocidente, chegou a inundá-lo de uma fragmentação interna e externa, pois, "o culto do intelecto e o exílio da dimensão do coração e do espírito gerou uma crescente patologia dissociativa" (Crema, 1989, p.38). Outrossim, "a emenda fica pior que o soneto" quando, já sentindo um certo incômodo mas ainda enredado de tamanha racionalidade, o comedor de números arrisca investidas quantificáveis para interpretar tais fenômenos.

Assim, que signos traduzem o que se (re)vela nos anseios, sentimentos, emoções, crenças, valores, e em tudo que pressupõe a essência do ser-indivíduo, grupo, comunidade, instituição, etc.? Ainda mais, tendo em vista a complexidade do sem-limite, da pluralidade e do além-do-probabilístico de que nos fala Erdmann (1996), com muita propriedade, sobre a organização do cuidado. Impotentes seriam os números para dialogar sobre isso. O desenrolar dessas questões extrapolam as fronteiras da formatação, ou melhor, a elas não se apropriam. Cabe também ressaltar que, em semelhantes incursões, não se trata de dispensar o método mas de buscar métodos alternativos, como aponta Demo (1987).

4 ALGUMAS MENSAGENS

Outras considerações poderiam ser cogitadas em assunto tão polêmico. Entretanto, fica a mensagem do quanto é salutar adotarmos uma postura crítica mas que, sobretudo, privilegie a autocrítica frente às inúmeras possibilidades de estudos.

Perguntar-se do porquê e para quê se investiga cientificamente é o primeiro passo. Esta é uma questão política, de cidadania e certamente paradigmática pois que é norteadora por uma visão

de mundo. Tendo investido neste pressuposto, a coerência do método pode ser localizada no próprio objeto de estudo que clama por tal ou qual instrumental. Mas, a coerência também reside na afinidade do pesquisador com o instrumental que, em sintonia com seu potencial criativo, leve-o a produzir ciência com relevância.

O concreto da vida mostra-nos que há espaço para todos: adeptos das metodologias quantitativas e qualitativas. Se ambos aliarem seus esforços para um mútuo despertar, compromisso implícito de quem faz ciência, estarão contribuindo para a construção de um mundo melhor, sem a necessidade reducionista de apenas comer números ou contar estórias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENFERMAGEM (ABEn). *Levantamento de recursos e necessidades de enfermagem no Brasil - 1956/1958: diretrizes para a enfermagem no Brasil*. Brasília, 1980. v.1.
- 2 ALVES, Rubem. *Filosofia da ciência: Introdução ao jogo e suas regras*. 15. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- 3 CREMA, Roberto. *Introdução à visão holística: breve relato de viagem do velho ao novo paradigma*. São Paulo: Summus, 1989.
- 4 DEMO, Pedro. *Avaliação qualitativa*. São Paulo: Cortez, 1987. (Polêmicas do Nosso Tempo, 25).
- 5 ERDMANN, Alacoque Lorenzini. *Sistema de cuidados de enfermagem*. Pelotas: Universitária/UFPel, 1996. (Série Teses em enfermagem, 1)
- 6 MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 4.ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1996.
- 7 SAUPE, Rosita. 'Comedores de números versus contadores de estórias' ou pesquisa quantitativa versus pesquisa qualitativa. *Texto & Contexto em Enfermagem*, Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, v.3, n.1, p.45-47, 1994.

Endereço do autor: Clarice Maria Dall'Agnol
 Author's address: Rua Múcio Teixeira, 134 apto. 512
 Bairro Menino Deus
 Porto Alegre (RS).
 CEP: 90050-360

ABSTRACT

The text refers about polemics and controversies emerging out of quantitative and qualitative fields of studies. In a reflexive approach, the author weighs up equivocations and visualizes some adoptions of such approaches, keeping away from conceiving the privilege of only one path. Instead, she converges to the construction of spaces in face of the uncountable possibilities of making science. For that, she keeps in mind the coherence with the proposition of a study in which the researcher is mobilized.

KEY WORDS: *quantitative studies, qualitative studies, research, scientific investigation, scientific methodology.*

RESUMEN

El texto alude a polémicas y controversias emergentes del campo de estudios cuantitativos y cualitativos. Al investir de forma reflexiva, la autora puntea equivocaciones y visualiza algunas apropiaciones de tales abordajes, alejándose de concebir el privilegio de un solo camino. Prefiere convergir para la construcción de espacios, frente a las incontables posibilidades de hacer ciencia. Para esto, lleva en cuenta la coherencia con la proposición de estudio en que se moviliza el investigador.

DESCRIPTORES: *estudios cuantitativos, estudios cualitativos, investigación científica, metodología científica.*